

Calavera

Leonel Gomez

Int: Em B7 Em E7 Am Em B7 Em B7 Em B7 Em

a adaga no rumo certo

B7

donde pulsa o sangrador,

não há espaço pra dor

Em

e a sangria se apresenta

no calor rubro que aqueça

E7

Am

o grito do desaforo,

B7

que a honra de um índio touro

Em

na prateada se sustenta!

B7

Em

calavera! foi o grito,

B7

Em

no ranchito de má fama,

E7

Am

dos pingos atados nas tramas

D7

G

ficou uma baía lunanca,

B7

Em

com o poncho por riba d'anca

B7

Em

que muito serviu de abrigo

Am

Em

pra o maúla que foi ferido

B7

Em

de morte, por arma branca!

comércio de tava e truço
canha branca e china pobre
a donde se jogam uns cobre
toreando a volta da sorte...

DECLAMADO

mas nunca se perde o norte
tampouco se facilita
pensando no que se grita,
pra não se topar com a morte!

SEGUE: Em B7 Em B7 Em B7 Em B7 Am G B7 Em

B7
mas nunca se perde o norte

Em
tampouco se facilita

B7
pensando no que se grita,

Em
pra não se topar com a morte!

Int: **Em B7 Em E7 Am Em B7 Em B7 Em B7 Em**

Em
o corpo no chão de saibro

B7 C B7
e o baralho sobre a mesa...

foi a falta de destreza
Em

e o grito de desacato,

E7
que mataram o mulato

Am
nesta carpeta frontera,

B7
pois, todos são calavera,

Em
mas nenhum carrega o fato!

B7 Em
depois chegaram os milico

B7 Em
e o pançudo comissário,

E7 Am
souberam por comentário

D7 G
e a história, nem que não queira

B7 Em
se quedo por verdadeira

B7 Em
resumida ao chão batido

Am Em
- que um maula tinha morrido,

B7 Em
na adaga d um calavera!

Am Em
- que um maula tinha morrido,

B7 Am G B7 Em B7 Em
na adaga d um calavera